OBRAS DO AUTOR PUBLICADAS PELA EDITORA GLOBO

Elogio da sombra / Perfis
História universal da infâmia
O livro dos seres imaginários
História da eternidade
O informe de Brodie
O livro de areia
Ficções
O aleph

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

B732a

Borges, Jorge Luis, 1899-1986
O Aleph / Jorge Luis Borges ; tradução Flávio José Cardozo. – 6 ed. – Rio de Janeiro : Globo, 1986.

Tradução de: El Aleph.
ISBN 85-250-0054-X

1. Contos argentinos I. Cardozo, Flávio José II. Título

85-0376

CDD – Ar863
CDU – 860(82)-34

jorge luis borges

O ALEPH

Tradução
Flávio José Cardozo

6ª Edição

EDITORA GLOBO
Porto Alegre - Rio de Janeiro

três rostos com uma pedra. Teve que agir assim; um só morto com a face desfeita teria sugerido um problema de identidade, mas a fera, o negro e o rei formavam uma série e, dados os termos iniciais, todos postulariam o último. Não é estranho que estivesse dominado pelo temor quando falou com Allaby; acabava de executar a horrível tarefa e se dispunha a fugir da Inglaterra para recuperar o tesouro.

Um silêncio pensativo, ou incrédulo, seguiu-se às palavras de Unwin. Dunraven pediu outro copo de cerveja antes de opinar.

— Aceito — disse — que meu Abenjacan seja Zaid. Tais metamorfoses, vais dizer, são clássicos artifícios do gênero, são verdadeiras *convenções* cuja observância o leitor exige. O que resisto a admitir é a conjetura de que uma porção do tesouro ficasse no Sudão. Lembra que Zaid fugia do rei e dos inimigos do rei; mais fácil é imaginá-lo roubando todo o tesouro do que se demorando em enterrar uma parte. Talvez não se encontrassem moedas por não restarem moedas; os pedreiros teriam esgotado um caudal que, ao contrário do ouro vermelho dos Nibelungos, não era infinito. Teríamos assim Abenjacan atravessando o mar para reclamar um tesouro dilapidado.

— Dilapidado, não — disse Unwin. — Investido em armar em terra de infiéis uma grande armadilha circular de tijolo destinada a prendê-lo e aniquilá-lo. Zaid, se tua hipótese é correta, agiu premido pelo ódio e pelo medo e não pela cobiça. Roubou o tesouro e depois compreendeu que não era o essencial. O essencial era que Abenjacan perecesse. Simulou ser Abenjacan, matou Abenjacan e finalmente *foi Abenjacan*.

— Sim — confirmou Dunraven. — Foi um vagabundo que, antes de ser ninguém na morte, recordaria ter sido um rei ou ter fingido ser um rei, algum dia.

OS DOIS REIS E OS DOIS LABIRINTOS[1]

Contam os homens dignos de fé (porém Alá sabe mais) que nos primeiros dias houve um rei das ilhas da Babilônia que reuniu seus arquitetos e magos e ordenou a construção de um labirinto tão perfeito e sutil que os varões mais prudentes não se aventuravam a entrar nele, e os que nele entravam se perdiam. Essa obra era um escândalo, pois a confusão e a maravilha são atitudes próprias de Deus e não dos homens. Com o correr do tempo, chegou à corte um rei dos árabes, e o rei da Babilônia (para zombar da simplicidade de seu hóspede) fez com que ele penetrasse no labirinto, onde vagueou humilhado e confuso até o fim da tarde. Implorou então o socorro divino e encontrou a saída. Seus lábios não pronunciaram nenhuma queixa, mas disse ao rei da Babilônia que tinha na Arábia um labirinto melhor e, se Deus quisesse, lho daria a conhecer algum dia. Depois regressou à Arábia, juntou seus capitães e alcaides e arrasou os reinos da Babilônia com tão venturoso acerto que derrubou seus castelos, dizimou sua gente e fez prisioneiro o próprio rei. Amarrou-o sobre um camelo veloz e levou-

1 Esta é a história que o reitor contou do púlpito. Veja-se a página 99.

o para o deserto. Cavalgaram três dias, e lhe disse: "Oh, rei do tempo e substância e símbolo do século, na Babilônia me quiseste perder num labirinto de bronze com muitas escadas, portas e muros; agora o Poderoso achou por bem que eu te mostre o meu, onde não há escadas a subir, nem portas a forçar, nem cansativas galerias a percorrer, nem muros que te impeçam os passos".

Em seguida, desatou-lhe as ligaduras e o abandonou no meio do deserto, onde morreu de fome e de sede. A glória esteja com Aquele que não morre.

A ESPERA

O carro deixou-o no número 4.004 daquela rua do noroeste. Não tinha dado as nove da manhã; o homem percebeu com aprovação os plátanos manchados, o quadrado de terra ao pé de cada um, as respeitáveis casas com sacadinha, a farmácia contígua, os desbotados losangos da tinturaria e da ferraria. Um longo e cego muro de hospital fechava a calçada da frente; o sol rebrilhava, mais ao longe, em algumas estufas. O homem considerou que essas coisas (agora arbitrárias e casuais e em qualquer ordem, como as que se vêem nos sonhos) seriam com o tempo, se Deus quisesse, invariáveis, necessárias e familiares. Na vitrina da farmácia lia-se em letras de forma: BRESLAUER — os judeus estavam deslocando os italianos, que tinham deslocado os nativos. Melhor assim: o homem preferia não alternar com gente de seu sangue.

O cocheiro ajudou-o a descer o baú; uma mulher de ar distraído ou cansado abriu por fim a porta. Do seu assento, o cocheiro lhe devolveu uma das moedas, um vintém oriental que estava na algibeira desde aquela noite no hotel de Melo. O homem entregou-lhe quarenta centavos, e no ato ele sentiu: "Preciso agir de maneira que todos se esqueçam de mim. Cometi dois erros: dei uma